



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisual e Publicidade e Propaganda

Web Literatos:

uma análise sobre as atuações literárias na Internet

Artur Ferreira França

Brasília – DF

Novembro de 2018.

Artur Ferreira França

Web Literatos:

uma análise sobre as atuações literárias na Internet

Monografia apresentada ao Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. Orientador: Prof. Dr. Gustavo de Castro e Silva.

Brasília – DF,

Novembro de 2018.

Artur Ferreira França

Web Literatos:

uma análise sobre as atuações literárias na Internet.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Gustavo de Castro e Silva
Orientador

Professora Dra. Priscila Monteiro Borges
Examinadora

Professor Dr. Paulo Roberto Assis Paniago
Examinador

Professor Dr. Wagner Antônio Rizzo
Examinador Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos Orixás que, antes de qualquer desejo ou vontade humana, me concederam discernimento, sabedoria e paciência para entender o meu papel nesse mundo e aceita-lo como prova de uma dádiva imensa: a vida.

Aos meus pais, Maria Delamarte e Gilberto Manoel, que abriram espaço entre a mata densa da existência para que seus filhos pudessem caminhar mais plenos e seguros, que renunciaram, se sacrificaram e se doaram para que eu estivesse aqui, hoje, com as vitórias que trago na sacola e as que anseio ter. Às minhas irmãs, Maria Clara, Natália, Clarissa e Nayara, que tentaram corriqueiramente me tranquilizar nessa caminhada e me engajar em ser melhor que ontem, sempre.

À professora da Faculdade de Comunicação Selma Regina, que foi a primeira a semear, em mim, algumas das questões levantadas ao longo desse trabalho e que, me encorajou a não abandonar a sensibilidade e criatividade que me habitam.

Em especial, agradeço com o mais profundo sentimento, à Thays Rocha, que segurou minha mão quando mais precisei, que me acompanhou nas noites sem dormir, na busca por palavras, frases ou referências, nas pequenas vitórias acadêmicas e, agora, na grande e, mesmo com uma vida tão corrida quanto a minha, se mostrou, novamente, uma mulher guerreira e valente, parceira de copo, de reza e caneta. Independente da guerra, as trincheiras nos esperam e me orgulho de olhar para o lado e ver quem vejo.

*O mundo é grande e cabe
nessa janela sobre o mar.*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O presente trabalho busca discernir o cenário atual da produção literária na internet, discutindo determinadas nuances pertencentes a ela, abarcando os meios digitais como suportes multifacetados de edição, publicação, distribuição e interação, as partes envolvidas nessa produção, bem como as peculiaridades do hipertexto. Para isso, realizou-se um apanhado bibliográfico, entre artigos, monografias, teses, dissertações, livros e palestras, em repositórios variados, que levantam questões relevantes, embasando estudos sobre as perspectivas da criação literária na *web*. O resultado compreende que o meio *online* favorece, mais do que prejudica, a produção de literatura, já que se comporta como via alternativa de inserção nesse meio. Além disso, fomenta a atuação dos participantes da vida literária, mesmo alterando as tradicionais formas de legitimação, seus agentes e criando novos modelos de desenvolvimento dos mesmos.

Palavras-chave: Literatura digital; Internet; Hipertexto; Redes Sociais; *Blogs*; Comunicação.

ABSTRACT

This study aims at distinguishing the current landscape of brazilian literary production on the internet, by discussing certain nuances pertaining them, encompassing digital media as multilayered editing, publishing, distribution and interactive supports, the parties involved in it's production, as well as hypertext singularities. To this end, a literature review was carried out, including articles, monographs, thesis, essays, books and lectures, through varied repositories, which raised relevant questions, supporting studies regarding perspectives of literary creation on the web. The result understands that the online medium bolsters, much more so than hinders, literary production, since it behaves as a alternative means of insertion on the medium. Besides, it fosters participants of the literary life to action, even though it changes traditional means of validation, it's agents and creates new templates of development for themselves.

Keywords: Digital literature; Internet; Hipertext; Social Media; Blogs.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O NASCEDOURO DA LITERATURA DIGITAL.....	13
2.1. O <i>blog</i> como ferramenta inicial.....	14
2.2. Redes Sociais: nova casa da literatura.....	15
3. PANORAMA DO ESTADO LITERÁRIO.....	17
3.1. Onde habita a literatura digital.....	17
3.2. Webescritores e o novo modelo de conduta.....	20
3.3. A formação do ciberleitor no espaço virtual.....	23
3.4. O hipertexto como formato.....	27
3.5. A interação entre autor e leitor.....	30
4. NOVAS POSSIBILIDADES DE UM CAMINHO NÃO TRILHADO.....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

A literatura caminha por vias tão diversas que é difícil prendê-la a um único suporte. Igualmente difícil é definir quando, de fato, aconteceu a primeira história contada e seus participantes: quem a contou, quem a ouviu. Igualmente complicado é conhecer o momento que a primeira poesia veio à tona e pelas mãos de que poeta, trajando quais motivos, ansiando por quais desejos. São questionamentos que possibilitam, em mínima escala, imaginar que “a literatura é muito anterior ao livro” (MUNARI, 2011)¹.

Entretanto, é sabido da forte ligação da literatura com o livro impresso, com bibliotecas espaçosas, claramente imaginadas como reservatório imenso de capas, folhas, impressões e tudo que permeia o imaginário do livro impresso. Isso se funda, principalmente (sem se esquecer de suportes ainda mais antigos como a voz, as escritas em pedra e, posteriormente, no papiro), a partir de 1455, quando Gutenberg² edita o primeiro livro impresso do mundo: a Bíblia. Desde então, o conteúdo correlacionou-se profundamente ao suporte, de forma que, em muitos momentos, questiona-se e desvaloriza-se a legitimidade de uma produção artística, que está sendo feita em outros meios, com outras propostas e direcionamentos.

O fato é que, hoje, existe uma forte tendência de trânsito de diversas modalidades artísticas para outros ambientes, em busca de necessidade que, muitas vezes, os suportes ou ferramentas tradicionais não conseguem oferecer e sanar, principalmente se tratando de questões como veiculação, distribuição e produção, ou outros pormenores da prática artística. A rede mundial de computadores, nos últimos anos, tem sido vista como paraíso para quem deseja ganhar papel ativo no que se diz respeito à própria produção, já que, lá, é possível assumir várias funções ao mesmo tempo.

A literatura não fica fora desse movimento. Inclusive, a evolução tecnológica constante juntamente com a popularização do computador e suas variantes “têm

¹ Fala intitulada “Literatura e Internet” na XI Semana de Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2011

² Matéria “Qual foi o primeiro livro publicado?” da Revista Super Interessante, de 2018 em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-o-primeiro-livro-publicado/>

obrigado a literatura a reagir não apenas ao meio cinematográfico e televisivo, mas, também, ao meio digital” (KIRCHOF; BEM, 2006, p. 4). Os novos parâmetros do ambiente virtual e as mudanças geradas na vivência humana na literatura invadiram o cotidiano dos indivíduos. Ainda é difícil definir o cenário em sua totalidade. Porém, baseando-se no forte interesse de estudos e pesquisas acadêmicas nos movimentos tecnológicos e seus efeitos na sociedade, como se dá a discussão sobre a atuação da literatura virtual, os agentes do meio literário e a funcionalidade dos meios digitais dentro dessa construção artística na internet?

A partir dessa perspectiva, os principais objetivos direcionam-se em discutir o estado do pensamento acadêmico sobre a ciberliteratura, tendo em vista o histórico de um pouco mais de cinco séculos da tradição da literatura impressa, pensar os papéis que os atores do mercado literário tradicional, especialmente escritores e leitores, mas sem deixar de lado os críticos e editores, assumem dentro da Internet, como eles se comportam diante da globalização e difusão da literatura dentro desse meio. Além disso, objetiva-se, também, analisar como o próprio meio digital se comporta, fomentando ou não, essas atividades artísticas e quais são impedimentos que carrega quando se trata da prática literária.

O ambiente é novo. O cenário, até então catalogado, de um forte posicionamento da arte literária na internet, tem pouco mais de 20 anos de caminhada. Julgou-se necessário analisar a importância, as peculiaridades e tendências da Literatura Digital com o anseio de contextualizar o pensamento no campo do conhecimento científico no Brasil sobre essa temática. Para isso, o método utilizado na presente pesquisa foi o levantamento de trabalhos de conclusão de graduação, artigos, dissertações e teses em diversos sites que apresentavam bancos acadêmicos³ a partir de buscas feitas com determinadas palavras-chave⁴ que entrava de acordo com a temática estudada. O critério da escolha dos materiais que seriam colocados ao longo da discussão foi o de proximidade com o tema aqui

³ <https://acervodigital.unesp.br/>; <http://repositorio.unb.br/>; <https://repositorio.ufpe.br/>;
<https://app.uff.br/riuff/>; <http://repositorio.pucrs.br/dspace/>; <https://repositorio.unesp.br/discover/>;
<http://bdm.unb.br/>; <http://periodicos.bu.ufsc.br/>; <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/>;
<http://www.periodicos.ulbra.br/>; <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/>; <http://www.letras.ufmg.br/site/>;

⁴ Hipertexto; hipermissão; ciberliteratura; literatura digital; poesia digital; webliteratura; internet literatura; espaço virtual; redes sociais; *blogs*;

proposto, bem como elementos que o norteiam, como os descritos nas palavras-chave. O próprio caráter conectivo da Internet possibilitou que, a cada novo trabalho e/ou *site* encontrado para pesquisa, fosse possível estabelecer outros vínculos com publicações do mesmo campo ou outros similares. Foi possível perceber que diversos trabalhos escolhidos possuíam o mesmo caminho de argumentação e, em muitos casos, utilizavam uma bibliografia bastante semelhante. Assim, salienta-se a dificuldade de encontrar uma literatura diferenciada das questões padrões e/ou que seguiam por outros tipos de pensamento. É importante trazer, também, a carência de teorias sólidas, em trabalhos de língua portuguesa, sobre o tema aqui presente. Possivelmente, isso vem, como exposto antes, desse cenário ser tão novo e, ao mesmo tempo, carregar uma complexidade muito grande.

No primeiro capítulo, busca-se dar um panorama breve sobre o surgimento dos primeiros blogs, sem deixar de lado o cenário brasileiro, e como as redes sociais podem ser encaradas como uma nova roupagem dos diários pessoais e compartilhamento de textos que, antes, ficavam reservado aos weblogs, assim como esses suportes, ao longo de várias atualizações, se tornaram cada vez mais fáceis de serem construídos e gerenciados por qualquer usuário com conhecimento mínimo de determinadas habilidades no campo da informática.

O segundo, que trata com mais abrangência sobre as características da produção literária na Internet, é dividido em cinco itens, em que cada um deles aborda um aspecto dessa esfera. O primeiro item busca entender como os meios digitais, com seus diversos modelos de suportes e ferramentas, atuam junto à produção literária. O segundo item investiga a atual postura do webescritor de acordo com a alteração da conjuntura da vida literária tradicional, perpassando sobre os novos modelos do mercado editorial, a mudança de atitude dos críticos e editores para com o novo direcionamento artístico e os desafios para quem deseja se aventurar na escrita em ambiente *online*. O terceiro item analisa como se dá a formação do ciberleitor a partir das práticas de leitura digital entre os jovens, que são os mais presentes na internet. Além disso, discute-se a participação desse leitor no processo de criação e legitimação das obras. O quarto item explora as singularidades e efeitos do Hipertexto, considerado o tipo textual hegemônico da rede mundial de computadores, levando em consideração sua capacidade de integração com outros formatos midiáticos. O quinto e último item desse bloco

aprofunda-se na complexidade engendradas nas conexões entre autor e leitor na internet. Visto que um tem potencialidade de interferir no comportamento do outro e vice-versa, é necessário discernir sobre as causas e efeitos dessa relação levando em consideração que os papéis, na web, estão cada vez mais entrelaçados e, em muitas situações, chegam a se confundirem.

O terceiro e derradeiro capítulo acompanha o desejo de trilhar um caminho ainda em construção, procurando lançar olhares e especulações sobre as tendências da produção literária na internet, a permanência, ou não, das atuais estruturas de exercícios dos personagens desse quadro, as possibilidades que a rede mundial de computadores oferece, levando em consideração, também, como a literatura está suscetível aos novos e recorrentes obstáculos tecnológicos.

Ao longo do trabalho, observou-se que as novas tecnologias trouxeram mudanças significativas para as formas de exercício da literatura na internet. Suas influências atingem os papéis tradicionais dos participantes da produção literária, como escritor, leitor, editor e crítico. Além disso, fomenta novas possibilidades para a distribuição de literatura podendo, inclusive, ser forte aliada em meios de democratização literária, permitindo que mais pessoas tenham acesso em qualquer parte do mundo com o mínimo de condição tecnológica.

Percebeu-se, com o apanhado bibliográfico realizado previamente, que a maior parte das pesquisas acadêmicas se pautava, principalmente, em discutir a possível falência ou abandono do livro impresso com a emergente potência que as redes sociais na internet têm adquirido. Não é o foco levantado aqui, afinal, considerou-se pauta, de certa forma, ultrapassada e apocalíptica demais para tomar demasiado espaço aqui dentro.

É importante salientar, também, que o trabalho que se segue é uma tentativa de entendimento de um campo que ainda está em desenvolvimento, se fundamentando como espaço epistemológico sólido e concreto. Logo, ele não carrega a densidade necessária para fundamentar teorias profundas, bem como não consegue discutir todas as nuances da relação literatura-internet. Antes de tudo e com total zelo, é necessário conhecer para melhor criticar.

2. O NASCEDOURO DA LITERATURA DIGITAL

Desde o surgimento da Internet, a sociedade sofreu diversas mudanças em suas formas de interações sociais e abordagem comunicativa entre os indivíduos. Pela recente história, é sabido que, inicialmente, os computadores não possuíam uso doméstico: eles se detinham dentro de grandes instituições governamentais, empresas e centros de pesquisas. Até os anos 80, as funções atribuídas à internet eram unicamente voltadas à pesquisa e atividades militares. Ao pensar que há aproximadamente vinte e oito anos de difusão do manuseio de tecnologias digitais e, com o passar da popularização do acesso, a simplificação das ferramentas e aparelhos, a internet encontrou fins políticos, culturais, publicitários, artísticos, comunicacionais em todas as áreas, entre outras aplicações, é legítimo compreender os motivos de esse campo de estudo ser, independente do espaço de conhecimento, um local de ideias ainda emergentes.

Essas novas possibilidades de contato, sofrendo cada vez mais avanços, especialmente no que diz respeito à facilidade de troca de ideias entre os usuários, pautam os diversos estudos acadêmicos. Nesse sentido, pode-se dizer que as ferramentas de comunicação mediada pelo computador são uma das principais peculiaridades nascidas com as novas capacidades de expressão e sociabilização:

essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através de rastros (RECUERO, 2009, p. 24).

Esses instrumentos atraem cada vez mais a comunidade acadêmica, admiradores e criadores de arte, como a literatura, visto que as redes sociais na internet são capazes de projetar para um número, muitas vezes incontável, de pessoas objetos artísticos dos mais diversos modelos. É possível considerá-la como um meio fácil e bastante relevante para se tornar conhecido de grande público.

2.1. O *blog* como ferramenta inicial

Pode-se dizer que um dos principais marcos para o surgimento de um processo de escrita pessoal e/ou ficcional e divulgação na internet, segundo Blood (2000) foi a partir do surgimento do weblog, em 1997. O termo era usado por Jorn Barger, em 1997, para referir-se à um conjunto de sites que “coleccionavam” e divulgavam links interessantes na web (apud RECUERO, 2009, p. 28). Na época, haviam poucas diferenças entre um site comum e o weblog. Porém, a popularidade dos weblogs veio com o surgimento de ferramentas de publicação, principalmente em 1999, quando Andrew Smales criou o *Pitas.com*, visando a manutenção de sites via web. No mesmo ano, Evan Williams e Meg Hourihan, integrantes do *Pyra Labs*, lançou o *Blogger*. Esses sistemas possibilitaram uma maior facilidade em publicação e manutenção dos sites, já que não era necessário o conhecimento de linguagens específicas de Tecnologias da Informação, como HTML.

No Brasil, como em todas as partes do mundo, essa forma de publicação tão simples criou uma explosão de sites literários. É uma tarefa difícil identificar exatamente um ponto de partida, mas foi no fim dos anos 90 que começaram a nascer os primeiros vestígios da utilização do ciberespaço como campo alternativo da literatura. No começo de 1997, no Brasil, nascia o *Proa da Palavra*, espaço para veiculação de contos e poemas autorais e de parceiros, criado pelo estudante de publicidade da UFRGS, Daniel Galera. Como conta Guilherme Freitas (2009, p. 25) no trabalho *Vida Literária Virtual: internet e relações literárias no Brasil*,

em agosto de 2000, quando o site foi instinto, haviam sido publicados textos de mais de 400 autores. Daniel Galera foi, também, um dos integrantes do maior fenômeno literário da Internet brasileira, o mailzine *Cardosonline*, produzido por um grupo de jovens escritores residentes em Porto Alegre, que teve 278 entre outubro de 1998 e setembro de 2001. O COL, como ficou conhecido, era um fanzine de cultura alternativa mantido por oito colonistas: André “Cardoso” Czarnobai (fundador, editor e inspiração para o nome do zine), Daniel Galera, Guilherme Pilla; Marcelo Träsel; Daniel Pellizzari; Clarah Averbuck; Hermano Freitas e Guilherme Caon.

Segundo Raquel Recuero (2009, p. 29), uma das primeiras apropriações que rapidamente seguiu a popularização dos blogs foi o uso dos mesmos como diários pessoais. A característica de customização dos blogs, ponto principal da sua

estrutura, faz com que ele seja uma personalização do seu proprietário salientada a partir de escolhas, como a seleção das publicações. Dessa forma, mesmo não podendo considerar todos os blogs unicamente como diários pessoais, é evidente o estado de apropriação como fator essencial da personalização, assim, fortalece a expressão individual em público. A partir disso, observa-se que “essa expressão individual é tomada como uma qualidade da apropriação: blogs são pessoais. Eles permitem que as pessoas expressem opiniões, construam textos individualísticos e proporcionem um espaço pessoa protegido”. (GUMBRECHT, 2004 apud RECUERO, 2009, p.34). Os usuários desfrutavam das ferramentas de publicação para expressar sua identidade, não se prendendo à formalidade e sendo cada vez mais autorais. É perceptível que até hoje diversas plataformas semelhantes ainda sejam usadas com esse mesmo propósito.

2.2. Redes Sociais: nova casa da literatura

O *feed* diário de quem acessa locais como Facebook, Instagram, Tumblr, entre outros, está bombardeado de textos dos mais diversos gêneros, sendo autorais ou não. Constantemente, ocorre a atualização dos recursos que essas plataformas oferecem, possibilitando novos formatos de arquivos como fotos, vídeos, gifs, mas sem abandonar seu formato de origem: o texto. O weblog evoluiu para os mais diversos modelos de redes sociais e, ao longo dos anos, vêm aglomerando um número gigante de usuários. Segundo pesquisa realizada pelo NUA Internet Surveys em 1999 (mesmo ano de surgimento do primeiro weblog) o Brasil tinha cerca de 4% de sua população conectada à rede mundial de computadores. Isso representava cerca de 6,79 milhões de pessoas. Os melhoramentos tecnológicos juntamente ao barateamento dos aparelhos necessários possibilitaram maior acesso da população à internet. Em 2016, o Brasil já comportava cerca de 69,3% dos domicílios com acesso à internet, segundo PNAD Contínua de 2016⁵ do IBGE. Isso aponta um crescimento de 65,3% em 17 anos. Essa alavancagem de usuários torna as redes sociais, e a internet em geral, um lugar extremamente tentador para qualquer tipo de

⁵ <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101543.pdf>

divulgação de arte, já que qualquer publicação irá atingir um campo muito maior do que o tradicional método “boca a boca”.

Os weblogs mudaram totalmente de formato e ganharam muito mais usuários ao longo dos anos, mas pode-se dizer que ainda continuam vivos, atuando, mas dentro de outros tipos de carcaças. A troca de informação sobre a vida privada ou situações que acontecem no dia-a-dia é facilmente percebida ao rolar a *timeline* das redes sociais na internet, na caixa de e-mails, nas conversas nos aplicativos de mensagens, entre outros. Nesse sentido, podemos destacar que as redes sociais na internet carregam peculiaridades de blogs, mas com algumas propostas diferentes, como Instagram e Facebook, classificadas como as duas redes sociais preferidas dos usuários (47,1% e 29,9%, respectivamente) segundo pesquisa Social Media Trends⁶ 2018 realizada pela Rock Content. O Instagram possui cerca de 63 milhões⁷ de usuários somente no Brasil em 2018 e o Facebook possui cerca de 130 milhões⁸ de brasileiros ativos dentro de suas conexões nesse mesmo ano, segundo Rankings de Países com Maior Número de Usuários nas Plataformas, realizado pela Statista.

Ao longo da história, a rede mundial de computadores ganhou uma força que é difícil de ignorar. A cada ano que passa, a cada nova atualização das plataformas ou a cada novo surgimento de tendências de interação, a internet, principalmente nos espaços das redes sociais, abarca novos usuários interessados nos mais diversos tipos de conteúdo. A universalização de tecnologias, atrelada muitas vezes à facilidade de acesso, transforma a web num gigantesco *outdoor*. Neste trabalho, esse *outdoor* estampa a literatura de autores conhecidos ou simplesmente de quem deseja se aventurar na divulgação de uma escrita própria, sem precisar passar pelo famigerado crivo de editoras ou grupos literários canonizados.

⁶ <https://inteligencia.rockcontent.com/social-media-trends-2018/>

⁷ <https://www.statista.com/statistics/578364/countries-with-most-instagram-users/>

⁸ <https://www.statista.com/statistics/268136/top-15-countries-based-on-number-of-facebook-users/>

3. PANORAMA DO ESTADO LITERÁRIO

3.1. Onde habita a literatura digital

Para que o leitor desenvolva suas práticas de leitura literária digital, é de extrema importância, obviamente, que as produções do gênero estejam naturalmente acessíveis para serem consumidas. Se podemos dizer que existe um novo e emergente espaço de comunicação da humanidade, ele seria o Ciberespaço: carrega em si a capacidade de integrar algumas das principais inovações na cibernética, eletrônica, computação, comunicação e informação. “O ciberespaço está transformando profundamente a ordem econômica e social: fala-se em sociedade da informação, era do virtual, vida digital, homem simbiótico” (PARENTE, 1999, p. 74).

Esse ambiente tem suas peculiaridades asseguradas por sua capacidade de conexão. Pensando assim, seus caminhos intrincados, por onde a informação transita até se tornarem acessíveis, através de aparatos das mais diversas naturezas, tamanhos e funcionalidades. A interatividade se torna intensa e com conexões complexas, já que é levado em consideração os vínculos entre os usuários, entre os próprios sistemas, e entre os usuários e os sistemas. Quanto mais essa trama de contatos se amplifica, maior a complexidade do ciberespaço, de modo que ele se aproxime ainda mais da sua proposta. Afinal, “estamos em rede, interconectados com um número cada vez maior de pontos e com uma frequência que só faz crescer” (COSTA, 2004, p. 65 *apud* FERREIRA, 2010, p. 122).

Assim, nota-se que o ciberespaço se tornou uma realidade de âmbito mundial, perpetuado, acessado e gerado por computadores (e suas mais diversas derivações), se tornando gradativamente mais multidimensional, artificial e virtual. Nesse caminho, a “tela negra” se transforma na porta e janela para se apreciar coisas vistas ou ouvidas, que não são “coisas”, mas sim, conjuntos de dados processados, informações distribuídas por vários lados.

Além de não ser material, trata-se também de um espaço não temporal (no sentido que se entende por essa palavra em termos de sequencialidade). O espaço se liberta do tempo ao apresentar a possibilidade de temporalidades variadas e, se se quiser falar tempo, os critérios de observação devem ser diferentes daqueles que acompanharam sua trajetória histórica até aqui. A

própria noção de espacialidade ganha novas formatações (FERREIRA, 2010, p. 122).

Como não se trata de um espaço material, mobilizado através da interação dos usuários entre si e deles com a tempestade de informações compreendida pelas disposições virtuais, o espaço *online* não consegue comportar as atribuições referentes à propriedade e nem de lugar como elemento de localidade. Logo, repara-se que a internet não possui um centro. Automaticamente, não possui um local periférico. Dessa forma, “é frequentemente vista como um espaço mais democrático e igualitário do que qualquer outra mídia do passado” (FREITAS, 2005, p. 23). Qualquer conteúdo nesse meio, salvo suas peculiaridades de acesso intermediadas por determinados *hiperlinks* (conexões que possibilitam a navegação do usuário de um site a outro com apenas alguns cliques) e setores mais obscuros e de difícil entrada, como é o caso da *Deep Web*⁹ (site e servidores ocultos do grande público), possuem, de certa forma, o mesmo grau de hierarquização. Ou seja, uma notícia *online* no site do *Correio Braziliense* e um poema feito por um perfil pessoal têm a mesma potencialidade de acessos e visualizações. Claro que a qualidade e quantidade desses acessos dependem diretamente da características das plataformas *onlines* que os conteúdos estão hospedados, os perfis dos usuários/seguidores que consomem os consomem e ferramentas que permitem maior velocidade de visualização, como é o caso de alguns suportes de automatização dentro das redes sociais (gerando aumento no número de seguidores) e o uso de investimento monetário que transforma esses conteúdos em anúncios pagos (*Facebook Ads, Instagram Ads, Google Ads*, entre outros) permitindo que eles sejam veiculados inclusive para quem não está no grupo de usuários/seguidores dos perfis.

Essa “desierarquização”, como Guilherme Freitas (2005, p. 23) aborda no trabalho *Vida Literária Virtual: internet e relações literárias no Brasil*,

é fruto da progressiva simplificação dos *softwares* de construção de sites. Com as ferramentas atuais, é possível montar uma página em minutos, de um simples *blog* à mais elaborada revista eletrônica, o que transforma a Internet na melhor alternativa para um escritor que se vê barrado nas

⁹ Matéria “*Deep Web*: o que é e como funciona – G1 Explica” no jornal G1 publicada de 2016 em: <http://g1.globo.com/tecnologia/blog/seguranca-digital/post/deep-web-o-que-e-e-como-funciona-g1-explica.html>

tradicionais portas de entrada da vida literária (revistas impressas, coletâneas, etc.) desaguar seus escritos.

Sites como *Wix*¹⁰, permitem que o usuário crie uma hospedagem com feições profissionais a partir de modelos previamente montados, conforme o gosto do cliente em relações a cores, formatos, diagramações, etc. O *Tumblr*¹¹, rede social muito conhecida entre os jovens leitores e, sendo considerada uma das principais portas de entrada para a vida literária na *web* para escritores conhecidos no meio *online* como *Eu Me Chamo Antônio* (mais de 1 milhão de seguidores) e *Textos Cruéis Demais Para Serem Lidos Rapidamente* (mais de 3 milhões de seguidores), também é exemplo da facilidade de se criar e veicular textos autorais ou de terceiros. Assim como o *Wix*, no *Tumblr* também é possível editar o *blog* como o usuário bem entender. Ele possui um sistema de navegação intuitivo para essas edições, mas também apresenta suporte para a linguagem de HTML, onde os usuários com mais desenvoltura em estruturação e linguagem da *web* podem se aventurar. Além disso, o *Tumblr* apresenta um “local” pessoal, podendo ser chamado de “bastidores” da plataforma, onde o usuário publica seus conteúdos, replica conteúdos alheios, interage com outros usuários, entre outras funcionalidades reservadas à cada perfil.

São essas praticidades que levarão pessoas com desejo de publicar suas criações literárias com mais frequência. Não é necessário arcar com o investimento de produção de impressos em grande escala ou se preocupar com diagramações dos livros, capa e gerenciamento de serviços. Na era da Internet, os únicos aparatos necessários são um computador, isso inclui o *Smartphone*, já que a maioria dos que estão no mercado apresentam atributos muito parecidos com os de um *Notebook*, por exemplo, e um modem para o acesso à Internet, algo que já é realidade para 69,3% dos domicílios com acesso à internet, segundo PNAD Contínua de 2016, como citado anteriormente.

O fato é que, na Internet, o texto, independente do seu formato, fica ao alcance de qualquer leitor, de qualquer lugar do mundo e, mesmo que algumas plataformas passem pelo crivo dos críticos literários mais do que outras, o texto de um jovem de classe média de 15 anos coexiste no mesmo ambiente virtual que o texto do escritor Paulo Coelho, um dos mais ricos do mundo, com uma fortuna

¹⁰ <https://pt.wix.com/>

¹¹ <https://www.tumblr.com/>

calculada em 500 milhões de reais, que já vendeu mais de 165 milhões de exemplares, teve seus livros traduzidos para 80 idiomas¹², resguardada, obviamente, a quantidade de público e caminhada literária de ambos. Não há disparidades ou desigualdades eminentes quando se trata de espaço *online*, a vezes podem não serem as mesmas, mas são direcionadas no mesmo campo aberto.

3.2. Webescritor e o novo modelo de conduta

A Internet exige uma mudança de postura de todas as frentes no processo de produção artística. Os atores da vida literária tradicional ganham novas habilidades e responsabilidades dentro do cenário digital, com novas expectativas de atuação, mesclando, de certa forma, suas funções. O escritor, claro, não fica de fora dessa ressignificação da sua função tornando-a multifacetada, de forma que essa ocupação não se limita unicamente à criação textual. Por mais que a web se torne o paraíso para os escritores e recrie as nuances do fazer literário, certos caminhos tradicionais não são abandonados. O autor ganha um meio fácil e barato de publicar, mas a sanção dos tradicionais mediadores segue sendo uma distinção importante; a Internet torna-se um meio para divulgar os primeiros trabalhos, mas o livro ainda é o almejado selo de reconhecimento literário (FREITAS, 2005, p. 30). Com a simplificação da produção de livros, o autor tem autonomia para se encarregar de etapas como edição, distribuição e marketing. Ao mesmo tempo em que o autor ganha novas ferramentas, ele enriquece seu texto com um conteúdo variado e monitora suas redes sociais. Assim, passa a acumular uma série de novas tarefas, como produzir e alimentar suas fanpages e blogs (KIRCHOF, 2006; VIEIRA, 2005).

O desejo que leva o escritor a difundir pela rede mundial de computadores fragmentos da sua literatura não se reserva unicamente ao espaço virtual. Como dito anteriormente, por mais que os modelos de mercado de consumo de literatura se ressignificassem e gerassem outras demandas, o livro ainda é o principal caminho para a vida literária. Assim, muitos escritores têm se engajado na prática da

¹² Matéria “Quais são os escritores mais ricos do mundo?” de 2018 publicada pela Super Interessante em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-os-escritores-mais-ricos-do-mundo/>

autopublicação, seja de forma caseira ou com a participação de pequenos selos editoriais. Sem a necessidade da avaliação das editoras, é comum que os autores impulsionem por conta própria a circulação da sua própria produção, usufruindo da facilidade de acesso aos meios de produção, como softwares de edição e gráficas que prestam serviços individuais. Isso abre novas perspectivas a escritores que estiveram à margem do mercado editorial e, agora, se alimentam da possibilidade de estarem nas estantes das livrarias e ter algum tipo de reconhecimento.

Com isso, muito escritores assumiram e profissionalizaram essa ocupação multitarefada, permitindo que as edições independentes chegassem a um público muito maior e mais diferenciado devido, justamente, a utilização da Internet para desviar-se das costumeiras dificuldades de distribuição de livros no país inteiro. Porém, as tentativas, nem sempre, são eficientes. A distribuição das obras continua sendo um dos maiores empecilhos para os escritores que decidem caminhar por ambiente. Por vezes, conseguir que o livro chegue às prateleiras se configura numa tarefa muito mais árdua do que publicá-lo. Dessa forma, evitando entrar na disputa do funil de distribuição por parte das editoras, muitos escritores preferem assumir sozinhos, por meios alternativos, a responsabilidade das suas obras chegarem nas mãos do escritor. Pequenos selos editoriais, se debruçaram em transformar blogs e sites em lojas virtuais de modo que a venda das obras atinja diretamente o leitor.

Estes selos procuram outras formas de distribuição, como o estabelecimento de pontos de venda em outras cidades, a venda direta em festivais literários e lançamentos, mas, muitas vezes, a compra pela Internet é a forma mais fácil de adquirir seus livros, dada a dificuldade de encontrá-los nas livrarias: o leitor encomenda o título, deposita o dinheiro na conta do editor (que pode ser o próprio autor do livro), e recebe a obra pelo correio [...] (FREITAS, 2005, p 43-44).

Isso mostra que a edição independente é um dos caminhos encontrados pelos escritores contemporâneos para divulgar e apresentar suas obras num cenário cada dia mais concorrido, mas sem encarar esse caminho como o fim em si mesmo, estabelecendo, antes de tudo, uma introdução para o mercado editorial tradicional.

Enquanto os engendramentos do campo digital demandam uma mudança de postura do autor, exige, também, da atuação dos editores. Nesse novo movimento, estes precisam lidar com o fato de que cada vez mais autores optam pela web para

fomentar a difusão dos seus trabalhos. Entretanto, o editor permanece na ponta do processo de legitimação literária, com o poder de validação que sempre carregou, seja corroborando com a passagem de uma obra hospedada em um blog para o livro impresso ou da edição independente para a grande engrenagem do mercado editorial. O fato é que,

a internet exige uma nova atitude do editor: os manuscritos não chegam mais pelo correio, ficam expostos na tela para quem quiser ler. Também ele precisa navegar e, navegando, vai tomar com os mesmos dilemas que críticos e leitores enfrentam toda vez que se deparam com um novo texto no terreno incerto da web (FREITAS, 2005, p. 30).

Os críticos, assim como os editores, começaram a voltar seus olhos para essa vasta produção de literatura no ambiente virtual, esforçando-se para acompanhar a enxurrada de textos criados diariamente. Geralmente, o processo se dá pelo monitoramento de sites que carregam algum tipo de relevância literária na web (FREITAS, 2005, p. 28). Assim, os críticos acompanham e conseguem, mesmo que não integralmente, atuar nos espaços virtuais com liberdade de salientar e designar valores ao que é criado nesses locais. Estes exigem atitudes menos engessadas, necessitando de um olhar mais democrático e sem hierarquias ou pretenciosismo, desprovido da autoridade que carregavam os suportes impressos. Assim, os críticos empenham-se para serem lidos como qualquer outro usuário na rede mundial de computadores e exposto, também, à críticas, retaliações, discordâncias e desvalorização da sua voz.

Por mais que a lógica da legitimação e produção da literatura digital tenha sido modificada, ela preserva sua estrutura em que, mesmo com os papéis do editor e do crítico em posições frágeis, eles ainda têm funções relevantes, uma vez adaptados às novas diretrizes desse ambiente. Ao autor proporciona-se facilidade e baixo custo das publicações, mas, também, a sanção, quando alcançam uma grande visibilidade, pelos mesmos mediadores do mercado impresso, mas em níveis e cobranças diferentes.

3.3. A formação do ciberleitor no espaço virtual

Pelo próprio caráter conectivo e interativo da rede mundial de computadores, presume-se que sua trama de conexões é estabelecida por vínculos comuns em relação a espaços e interesses, onde comunidades se reúnem no ambiente *online* para trocar experiências, vivências, perspectivas, opiniões, desejos, entre outras coisas. É nessa capacidade interativa que mora e se constrói a base de um ciberleitor. A linearidade não é mais essencial, seja na leitura de um texto literário ou nas próprias relações estabelecidas na *web*. Vê-se, atualmente, um leitor alerta encarando a tela e navegando num labirinto complexo de links imensuráveis, comunicando-se por percursos interativos com palavras, imagens, sons, símbolos, significados presentes no hipertexto.

O leitor imersivo é obrigatoriamente mais livre na medida em que, sem a liberdade de escolha entre nexos e sem a iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza. [Trata-se de] um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo etc. (SANTAELLA, 2007, p. 33 apud CARVALHO; CORREIO, 2018, p. 176)

Habitar o ciberespaço produz mudanças na percepção, no campo sensorial e cognitivas causando consequências na formação de um novo modelo de senso físico e mental. Nesse sentido, por exemplo, imagina-se que a maioria das preferências e gostos na *web*, assim como no mundo *offline*, depende de influências de grupos/comunidades que o indivíduo pertence, bem como os atores que ele mesmo julga de importantes opiniões e passíveis de alterar e guiar a sua própria. Não é diferente pensar que o mesmo funciona para a ciberliteratura. Por mais que a predileção pessoal exista e não pode, em nenhum momento, ser distanciada como impulsionadora de decisões, há, também, outros fatores que determinam tanto a leitura como o acesso à literatura digital. Os mediadores têm uma função importante na formação do ciberleitor, bem como suas instâncias. A escola e a família são, historicamente, aquelas instâncias que definem as leituras literárias consideradas de qualidade, ditando o que os jovens (16 aos 24 anos), grupo com maior frequência na internet (79,5% em média)¹³, devem ou não ler. Suprimidos da sala de aula na

¹³ Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016, Hábitos de Consumo de Mídia da População Brasileira: http://pesquisademidia.gov.br/files/E-Book_PBM_2016.pdf

maioria das escolas, em geral, são limitados ao máximo em seu tempo de uso no espaço doméstico pelos pais (ARAÚJO, 2016, p. 112).

Entretanto, Mônica Araújo (2016), em seu trabalho *Práticas de Leitura Digital Entre Leitores Jovens*, observou que 34,38% dos jovens entrevistados buscavam eles mesmos informações sobre as práticas de leitura que efetivavam, seguidor dos colegas reais e virtuais, em 25,39% dos casos. Os mediadores, antigamente conhecidos como os principais atores nas escolhas como os pais e professores, entram como os menos citados. Essa mudança ocorre pelo baixo envolvimento destes mediadores na cultura digital, causando estranhamento nas práticas de leitura literárias nesse ambiente. Se o compartilhamento é a lei universal na rede mundial de computadores, a maior parte dos ciberleitores já incorporaram essa compreensão, afinal, “a leitura compartilhada é a base da formação de leitores” (COLOMER, 2007, p. 106 apud ARAÚJO, 2016, p. 114). Assim, a cultura digital se apresenta como um suporte a mais para as obras literárias. A clareza tanto em acesso como compartilhamento dessas obras possibilitou mais um espaço de sociabilidades criativas, mas se os mediadores mais importantes na formação do leitor se furtam ao ensino dessas novas práticas, as possibilidades de mais espaço de expansão da literatura diminuem drasticamente para os atuais e futuros leitores.

Nesse ponto, é possível observar duas questões sobre a formação do ciberleitor: 1. não há, atualmente, algum tipo de fomento ou iniciativa generalizada para a inclusão da cultura digital, principalmente se tratando dos conteúdos que a mesma apresenta, dentro de sala de aula ou até mesmo no ambiente familiar; 2. na busca independente sobre conhecimento e produções literárias na internet, o ciberleitor fica à deriva numa tempestade de informações, sem, provavelmente, conseguir gerenciar, classificar e consumir de forma consciente e assertiva os conteúdos apresentados, transformando essa busca em um apanhado desnivelado de dados.

O fato é que o consumo de literatura na internet vem da própria imersão na internet gerando um leitor engajado, mas suscetível a qualquer tipo conhecimento. Leva-se em conta o crescente número de obras literárias publicadas por *youtubers*: pessoas que possuem algum canal de vídeos na plataforma *YouTube*, utilizando-o como blogs (nessa rede sociais, classificados como *vlogs* – junção das palavras “*video*” e “*blog*”). É comum observar, inclusive, a presença de alguns *youtubers*, que se tornaram escritores, sendo convidados a participarem de eventos importantes

para o mundo literário, como a Bienal do Livro do Rio de Janeiro¹⁴. Entre eles e já com livros lançados¹⁵ no Brasil está a Kéfera Buchmann, dona do canal “5incominutos”¹⁶ com aproximadamente 11 milhões de inscritos¹⁷. Em 2016, seu livro “Muito Mais Que 5inco Minutos” – uma autobiografia que permeia assuntos como seus relacionamentos, *bullying*, moda e situações inusitadas – atingiu a venda de 104,5 mil cópias ao longo do ano, colocando-o em primeiro lugar na lista dos livros de não-ficção mais lidos do país¹⁸.

É sabido da relevância da escola e dos familiares como sujeitos mediadores do fomento à leitura, mas verifica-se o afastamento dessas instâncias na rotina e realidade das experiências do ciberleitor. Sendo instâncias privilegiadas de ensino, é importante destacar a necessidade da inclusão de novos dispositivos tecnológicos, bem como englobar novas perspectivas de absorção de cultura por vias atuais, globalizadas e condizentes com as habilidades dos usuários.

O enrijecimento das estruturas de ensino e juntamente com o julgamento prévio da qualidade do conteúdo a partir do suporte em que ele se encontra afasta gradativamente as conexões de incentivo e geração de conhecimento, como é o caso do aluno e da escola. Logo, nesse cenário, compreende-se que, mesmo que exista novos direcionamentos quanto à produção artística atual, ainda há, também, algumas dificuldades de discernir sobre esses novos caminhos.

Aproximar o ato da leitura e a literatura de um indivíduo que não está familiarizado com a presença de livros no seu convívio, mas conhece e faz usufruto de *tablets*, computadores e celulares, é renegar a ideia de que a ciberliteratura pode conceber leitores, incentivar a leitura, principalmente se tratando de crianças e adolescentes da educação básica. Não é, necessariamente, a diferença de suporte,

¹⁴ Vídeo da *youtuber* Kéfera Buchmann sobre o lançamento do seu livro na Bienal do Rio de Janeiro: <https://www.youtube.com/watch?v=Qjs8AZ6Gw74>

¹⁵ “Muito Mais Que 5inco Minutos” em 2015; “Tá Gravando. E Agora?” em 2016; “Querido Dane-se” em 2017.

¹⁶ Link do canal de Kéfera Buchmann: <https://www.youtube.com/user/5incominutos>

¹⁷ Números recolhidos no dia 12/11/2018, diretamente do canal de Kéfera no *YouTube*;

¹⁸ <https://forbes.uol.com.br/colunas/2017/02/celebridades-como-kefera-lideraram-venda-de-livros-no-brasil-em-2016/>

mensagem ou ambiente de leitura que influencia diretamente na diminuição da leitura dos livros impressos, mas, possivelmente, a falta de investimento em educação, em todas as faixas etárias, somado ao baixo interesse de programas de incentivo à leitura por parte das instituições governamentais. Por exemplo, vê-se o alto índice de Analfabetismo Funcional no país, que chegou a 20% da população brasileira no último levantamento¹⁹ feito pelo Ibope Inteligência. Ou seja, se há um grande número de pessoas que saem das escolas com muita dificuldade em entender e se expressar por meio de letras e números, é mais complicado ainda exigir que esses indivíduos possuam proficiência necessária para uma leitura profunda e crítica sobre obras literárias em geral. Dessa maneira, e com as questões apresentadas anteriormente, percebe-se que a literatura digital se torna mais aliada do que inimiga no fomento à prática da leitura.

Além disso, ser um leitor de leitura digital demanda certas habilidades, que ficam reservadas mais à familiaridade das ferramentas do que características cognitivas. Determinados gestos e comportamentos são importantes para que a literatura habitante de meios *onlines* possa se tornar interativa e de portas abertas para a participação, crítica e troca direta com o leitor. Porém, não se pode levar em conta unicamente as aptidões dos usuários no meio digital e seu engajamento ao mundo da ciberliteratura para gerar um ciberleitor. Obviamente, há diversos fatores que abarcam outros campos da realidade brasileira que influem diretamente na criação desse tipo de consumidor literário. Questões como sexo, faixa etária, escolaridade, ocupação, estado civil, cor ou raça, religião, renda familiar, porte e tipo do município influem direta ou indiretamente no acesso à internet, como pode ser visto na Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016²⁰. Porém, este trabalho se deteve à analisar o perfil do leitor que já se encontra no ambiente *online* e já possui alguma prática ou interesse na leitura de literatura na internet, já que o recorte se pauta preferencialmente na população ativa na web, mesmo sabendo da importância dos estudos sobre a população inativa e ainda carente desse recurso.

¹⁹ Matéria “Três a cada 10 são analfabetos funcionais no Brasil, aponta estudo” de 2018 publicada pela Época em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/08/epoca-negocios-tres-em-cada-10-sao-analfabetos-funcionais-no-pais-aponta-estudo.html>

²⁰ Pesquisa de Mídia de 2016: http://pesquisademidia.gov.br/files/E-Book_PBM_2016.pdf

3.4. O hipertexto como formato

As mensagens encontram os mais diversos formatos para infinitas possibilidades de conexões. Um desses formatos e, provavelmente o mais complexo deles, é o hipertexto. Pode-se considerar que a primeira noção desse conceito nasceu em 1965, a partir das percepções de Theodore Nelson, “[...] para exprimir a ideia de escrita/leitura não-linear em um sistema de informática” (LÉVY, 1993, p. 29 apud CARVALHO; CORREIO, 2018, 177). Porém, não se pode afirmar que o conceito surgiu unicamente pautado numa cultura digital. Mesmo que sua relação seja fortemente estabelecida nesse meio, sua discussão começou antes disso, já que “[..] notas de rodapé, índices remissivos, sumários e divisão de capítulos encontrados nos livros tradicionais também oferecem ao leitor caminhos alternativos a serem trilhados. Eles podem levar os leitores a fazerem quebras na linearidade da leitura” (MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 213). Apesar disso, o conceito de hipertexto abordado aqui concentra-se especialmente no ambiente *online*, nas execuções a partir do uso de suportes digitais, como computadores, celulares, leitores de *e-books*, entre outros, entendido por Lévy como:

conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos serem hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a sua maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular (1993, p. 33, apud COSCARELLI, 2006, p. 1).

Nessa visão, o hipertexto determina relações flexíveis com os avanços presentes em diversos campos como ciência da computação, ciência da informação, cibernética, teorias das redes, teorias e sistemas de comunicação, ciências das linguagens e da cognição, história do livro e da escrita, entre outros. Dentro de cada campo, seu conceito se modifica. Ele cobre uma gama tão grande de aplicações e de recursos que, para defini-lo, seria necessário integrar suas funções em um sistema ideal. Porém, idealmente, um hipertexto seria: um método intuitivo de estruturação e acesso a base de dados multimídia; um esquema dinâmico de representação de conhecimentos; um sistema de auxílio à argumentação; uma ferramenta de trabalho em grupo (PARENTE, 1999, p. 75).

Na presente discussão, considera-se que o hipertexto representa a fala recente sobre a história do livro e da escrita, o livro interativo, audiovisual, multimídia e carregado de intertextualidade, em todos os níveis. Pode-se dizer que essa intertextualidade constrói um caminho de pensamento em rede que se opõe à ideia de uma leitura passiva, guiada pela ordem dos discursos. Na verdade, uma das principais características do hipertexto, principalmente se tratando do cenário digital, é seu despreendimento com a linearidade da leitura, no pensamento sequenciado e refém da ordem colocada no texto. Rompendo com a sequencialidade do texto, rompe-se, também, com o modelo que toma o texto como um objeto entre escrita e leitura (PARENTE, 1999, p. 79).

O fato é que esse tipo de escrita gera uma mistura de diferentes mídias. Os links, componentes indispensáveis na estruturação da web, ganha cada vez mais força dentro do hipertexto. Na verdade, esse formato de texto carrega por si só as peculiaridades dos links: os caminhos conectivos e diversos da não-linearidade do hipertexto faz com que seu formato engendre as mensagens na rede mundial de computadores, incorporando, na maioria das vezes, imagens estáticas, *gifs*, vídeos, sons, entre outros. O texto multissensorial, com seus dispositivos hipertextuais que vinculam-se ao outros formatos de mídia, se tornou algo além de um acesso a informação repleto de ludicidade: passaram a constituir uma objetificação e exteriorização dos processos de leitura, onde o conjunto de palavras na tela tornaram-se a primeira porta de um universo imaginário fora do espaço, do espírito e dos sentidos humanos.

A não-linearidade da literatura em ambiente virtual não acontece unicamente pelo movimento do olhar. As próprias operações cognitivas presentes no pensamento podem compreender essa hipertextualidade. Nesse sentido, o hipertexto permite colocar em funcionamento vários domínios do processamento interpretativos das mensagens. Por mais que na presença de materiais literários impressos seja possível observar esse formato de conduta do pensamento, na rede mundial de computadores, essas características se potencializam e tornam-se cada vez mais desafiadoras em serem mapeadas e monitoradas. Não se detém somente ao uso de uma habilidade, mas a ativar, a qualquer momento durante a troca receptor-mensagem, um conjunto habilidades, que possibilitam a construção de sentidos.

Ativando tantas operações “linkadas” ao mesmo tempo, e constituindo partes de diferentes situações e contextos comunicativos, cada usuário lê de uma maneira diferente, com objetos e desejos particulares, e traz consigo experimentações pessoais diferenciadas como referência, que podem ter pormenores semelhantes ou não aos outros sujeitos, fazendo com que cada leitura se torne inigualável e única. Todos esses processos influem diretamente na forma como o texto é lido. De forma diferente da leitura impressa, o texto hipertextual é bastante convidativo ao leitor que ele mesmo se torne parte da produção, uma espécie de coautor, afinal, ler um texto no ciberespaço significa, também, interagir com o material que está sendo lido, fazer escolhas, fazendo com a assimilação final do conteúdo tenha possibilidades infinitas de acontecer. Dessa forma, “a hibridação entre diferentes linguagens (visual, escrita e sonora) propiciada pelos recursos hipermediáticos da leitura eletrônica faz com que a sua leitura se assemelhe muito mais a fruição de uma performance do que a decodificação de um texto linear” (CARVALHO; CORREIO, 2018, p. 179).

Juntamente a mudança do entendimento do texto no ambiente *online*, pode-se dizer que a forma de consumo do texto nesse ambiente carregou para si as peculiaridades e nuances das relações e absorção de conteúdos na rede mundial de computador. É sabido que a velocidade é o principal influenciador das criações atuais na *web*. Dessa forma, a literatura não poderia habitar num mundo digital sem se deixar atingir pela cinética atual. É com essa instantaneidade da sociedade que surgem as narrativas, prosas e poesias hiperbreves no contexto digital.

Essa brevidade atrelada às formas literárias contemporâneas produzem um efeito de estranhamento no leitor, este que pode manifestar-se de maneira positiva, contemplando o esforço artístico em atender a concisão e a estética ou ao contrário, apresentando repulsa ao objeto escrito em função dos paradigmas impostos pela compilação de sentidos (SUBRINHO, LIMA, 2017, p. 14).

O bombardeio diário de informações que chega os usuários na rede mundial de computadores demanda essa nova configuração de textos para quem quer expor sua literatura. O ato de rolar a *timeline* de qualquer rede social se tornou um gesto automático e inerente às relações dentro da internet. Quanto mais curta a mensagem, mais fácil de ser consumida e compartilhada. Dessa forma, cabe, também, ao leitor, significar o texto, permitindo-se romper com as estruturas

tradicionais, se atentando ao uso dos sentidos de forma responsável nessa leitura multifacetada. Afinal, é inegável que houve mudanças nos modos de ler na nova era digital. A respeito disso, Chartier coloca que

os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (CHARTIER, 1998, p. 77 apud SUBINHO, LIMA, 2017, p. 19).

O fato é que o espaço digital fomentou de forma feroz as transformações no campo da literatura. As formas de comunicação e os mundos textuais se tornam cada vez mais ricos, atrelados à lógica da rapidez do pensamento humano. Apesar do conjunto de nuances referentes ao meio junto aos conteúdos gerados, somente o monitor como região de visualização e a estrutura do hipertexto dão início à modificação da construção de organizações clássicas da informação como sempre foram conhecidas, como, por exemplo, os próprios livros.

3.5. A interação entre autor e leitor

De tempos em tempos, os usuários recriam suas demandas de conteúdo na web, forçando, de certa forma, a produção de diversos tipos de conteúdo, em maior quantidade e menor tempo. O modo direcionado pelo público que a internet opera culminou na criação de novas linguagens, contatos e interpretações de obras literárias. Como evidenciado por Fábio Malini (2014)²¹, autores renomados, com obras nacionalmente conhecidas são homenageados, ou têm seus nomes utilizados, para a criação de perfis no Facebook, Twitter e Instagram. São autores clássicos da Literatura Brasileira, por exemplo, que carregam grande engajamento nesses meios, não exatamente pelo conteúdo de sua própria obra, mas por produções

²¹ Literatura, Twitter e Facebook: a economia dos Likes e do RTS dos usuários-fãs de literatura brasileira nas redes sociais. Revista Observatório Itaú Cultural, São Paulo, Itaú Cultural, No. 17, ago/dez, 2014. p. 204-234.

independentes de terceiros. A produção é anônima, mas a assinatura possui carga alta de credibilidade.

A literatura contemporânea ganha, cada vez mais, um espaço importante no cotidiano do usuário das plataformas, mas, ao mesmo tempo, cria uma relação superficial com a obra original. O nome do autor está mais popularizado do que seus textos, a ponto de citações atribuídas a eles sem, ao menos, serem verdadeiras. Em diversos momentos, essas frases eram usadas por seu efeito dentro do estado de espírito de quem as compartilhava, fazendo com que a atribuição a um autor popular tomasse forma de autoridade somente (MALINI, 2014). Isso demonstra, de certa forma, como a internet e seus usuários podem criar suas relações com o que é produzido dentro dela.

O acesso às plataformas digitais acaba não se limitando aos usuários, mas aos produtores culturais também. Esse perfil multitarefa, que é comumente visto na era digital, representa uma nova etapa nas mudanças do conceito de autoria através dos tempos. Nesse ponto, o próprio autor entra em um papel experimental e caminha por possibilidades de conteúdos multimídia, permitindo a criação de linguagens diversas, mas, ao mesmo tempo, únicas.

O leitor tem papel fundamental na construção da escrita, partilhando suas percepções com outros leitores e divulgando suas inferências nas redes sociais. Isso altera a forma que os textos são construídos, como destaca Subrinho (2016, p. 2). Esse movimento, que se aproxima de uma “co-produção” com o leitor, é um fenômeno ainda difícil de ser analisado em sua totalidade, visto que é um processo que nunca para de mover, já que as redes sociais têm suas interfaces reinventadas a cada momento para que os usuários fiquem cada vez mais conectados.

Outro ponto relevante na relação leitor-escritor na Internet, e que pode ser considerado uma novidade na conexão dessas partes, é o acompanhamento das etapas que antecedem a publicação de um trabalho. Ou seja, “em vez de ter o primeiro contato com o autor nas páginas do livro ou revista, o leitor ganha uma janela através da qual pode acompanhar o amadurecimento do escritor em tempo real: o burilar do texto, a ansiedade do processo de edição, a difícil auto-afirmação como artista” (FREITAS, 2005, p. 30). Seja num blog ou nas redes sociais, o público do escritor cresce e o leitor presencia o desenvolvimento tanto do amadurecimento do artista e da sua obra de forma consideravelmente ampla, já que pode ter acesso,

na maioria dos casos, a publicações antigas, quanto das fases existenciais do escritor a partir de um farto apanhado autobiográfico expostos nos posts, como notas de leitura, alterações de texto mesmo após a publicação, desabafos, interação com outros usuários e divulgação da rotina do escritor.

Nesse momento, deve ser levado em consideração que a atuação do escritor na internet não está reservada unicamente a publicação de textos e interações com o leitor que permeiam exclusivamente o mundo literário. Atualmente, o autor, buscando uma aproximação maior com seu público, no intuito de tornar a relação mais orgânica, passou a expor a rotina da sua vida pessoal, sua intimidade, em diferentes níveis, para uma plateia composta de milhares de pessoas, já que, muitas vezes, esses não se contentam em estar numa posição passiva e anseiam por interagir, interferir, comentar, compartilhar, reagir e se aproximar de quem admiram. Com essa aproximação, a influência do escritor para com o leitor extrapolou a arte e chegou ao patamar publicitário, tornando-o uma peça midiática dentro e fora da internet. Ao escritor, cabe o gerenciamento da sua própria imagem, atrelada ou não à sua obra, dos benefícios e malefícios relacionados à uma possível fama e do seu vínculo cada vez mais estreito com o público.

Os limites entre escritor e leitor estão cada vez mais embaçados. Quem publica na web lê e comenta a produção de outros autores que, por seu lado, faz o mesmo nos posts deste autor e assim por diante. A partir dessa troca de vivência *online* de produção literária e experiências, nascem ligações a partir de desejos e perspectivas comuns, fazendo com que, dessa maneira,

a internet torna-se, assim, importante ferramenta na sedimentação da vida literária contemporânea, dando visibilidade a toda uma nova geração de autores que ocupam o espaço virtual e funcionando como um meio de divulgação de seu trabalho. Os escritores que começam a publicar na rede formam ali seu primeiro público, tem seus textos lidos, debatidos e comentados nessas pequenas comunidades informais, o que pode chamar a atenção de uma editora e impulsionar sua transição para o livro impresso (FREITAS, 2005, p. 47).

Entretanto, é preciso lembrar que o espaço digital se comporta como ambiente híbrido, em que a vida pessoal e a artística tendem a se mesclarem e, possivelmente, se confundirem. Portanto, naturalmente a avaliação feita nessas

comunidades carregam grandes chances de serem extremamente subjetivas, administradas tanto por conexões afetivas quanto consumo literário.

4. NOVAS POSSIBILIDADES DE UM CAMINHO NÃO TRILHADO

A literatura ganhou novos formatos e a relação dos autores com seu público também mudou. A conversa entre leitor e autor entrou em rumos mais diretos, pessoais e objetivos, a partir de vínculos literários mais curtos, agregando novos públicos. Novos caminhos são percorridos pela Literatura Contemporânea e, com isso, as próprias funções dos participantes do debate literário irão, cada vez mais, modificar e/ou mesclar seus papéis e as funções dos autores se alteram. A possibilidade de ser, ao mesmo tempo, criador, editor, divulgador da própria imagem faz com que o autor tenha cada dia mais ferramentas para produzir conteúdos multimidiáticos diversificados.

Observa-se que as novas tecnologias podem significar a ameaça de desaparecimentos de categorias estéticas antigas. Não somente sobre a recepção da literatura, mas mostrando como algumas formas antigas de produção se mostram insuficientes. A prática artística, a estética e a própria noção de obra de arte são desligadas dos seus conteúdos tradicionais. As técnicas participam dessa transformação não somente como instrumento, mas como portadoras de sentido na obra (CAPPARELLI; GRUSZYNSKI; KMOHAN, 2016, p. 80). O ciberpoema, por exemplo, ao abolir a totalidade, visto que é comumente feito por fragmentos, explode as categorias de literaturas tradicionais desde seu nascimento. Quando observados como objetos, esses modelos de webliteratura possuem temporalidade própria. Podem facilmente caminhar entre a eternidade ou efemeridades, já que são temporizados de acordo com a demanda dos leitores, como a velocidade que são consumidos ou, simplesmente, pelo conteúdo que carregam.

Tratando-se da essência da escrita, Subrinho (2016, p. 12), acredita que está evidenciado por meio de autores, gêneros e obras literárias, canônicas inclusive, que a webliteratura não trará prejuízo algum para o fazer estético. Muito pelo contrário: os autores concentram-se mais esforços para trazer a atemporalidade, universalidade e o efeito estético por meio de uma escrita hiperbreve. Não é novidade esse tipo de literatura feita em poucas linhas. Pode-se destacar, por exemplo, as origens dos romances e novelas, que ocupavam pequenos espaços nos folhetins antes de se transformarem em gêneros sólidos dentro do escopo literário. Assim, o futuro das artes se pauta mais pela reinvenção do que extinção.

É possível observar que a difusão desse tipo de conteúdo, como é o caso da literatura nas redes sociais, que os leitores dispõem de uma ferramenta para o exercício da atividade leitora, assim como essa atividade pode ser feita de forma dinâmica e interativa, características que seduzem cada vez mais os leitores. Lembrando que discutir sobre a substituição do livro impresso, em suporte físico, para as plataformas digitais é algo ultrapassado, já que as artes carregam em si uma capacidade camaleônica e deveriam ser consideradas independente dos suportes que se encontram ou da forma como são distribuídas. Qualificar qualquer tipo de produção artística pautada somente no suporte em que ela se apresenta é, entre diversas falhas, ignorar que, no fim das contas, o conteúdo é um pilar extremamente essencial nas análises artísticas.

Acredita-se que a interatividade incrustada na estrutura da rede mundial criará novos parâmetros e oportunidades para o modo como a literatura digital se apresentará nesse ambiente. Assim, existirá obras digitais tão “linkadas” e extrapolando a interface do suporte, que a leitura será um ato de ativação de outros sentidos do corpo humano, com entendimentos cada vez mais abrangentes do texto. Como especulou Ana Cláudia Munari (2011):

o livro seria vivo (os textos sempre foram). Imaginemos: na tela finíssima de *led*, o leitor lê um texto literário recém comprado, com um toque, pela internet (caminhando, ele passou em frente a uma livraria, que “jogou” para seu aparelho uma propaganda do livro). No texto há referência a uma data, ele toca a tela, em cima do número, desencadeando a busca por significados para aquele termo – a web semântica compreende, sem a necessidade de sites de busca – e escolhe uma sugestão, que ele põe à margem do livro. E assim com palavras, nomes, termos em outro idioma... O livro que ele comprou já vem com alguns vídeos, que rodam simultaneamente à leitura, às margens, e o leitor pode deslocar, aumentar, diminuir, interromper o vídeo. O livro também vem com trilha sonora: música de suspense para a hora exata, música romântica para o beijo narrado – mas o leitor pode trocar, interromper... O que seria o texto literário aí? Seria o texto verbal, os vídeos, a música, os outros textos que foram trazidos para dentro dele. (MUNARI, 2011).

Não seria errado, por exemplo, pensar que outras atividades poderiam ter interferência direta na obra, além do escritor, leitor, editor, por exemplo. Nas atualizações que a internet produz e promove, o editor, bem como algum webdesigner, publicitário ou mesmo o autor, poderiam inserir outras comunicações que corroboram com o conteúdo da obra, mas não pertencem diretamente a ela.

Na seção biográfica, a linha do tempo do autor cresce. A informação sobre o próximo livro dele também alcança o leitor, que poderá comprá-lo num toque assim que ele for oferecido na margem esquerda. É isso “dá margem”, literalmente, para outras inserções, como a publicitária. Não nos surpreendamos que o “personagem” do livro apareça tomando uma coca-cola no vídeo ao lado do trecho em que ele estava com sede. Ou, a partir de alguns minutos na página – quem sabe a tecnologia permita ao texto enxergar os olhos do leitor na tela, sabendo, assim, o trecho que ele lê – e a palavra “chocolate” começa a mudar de cor, até que ela se torna animada (MUNARI, 2011).

A diversidade de modos de leitura está tendenciada a caminhos como o tipo de obra lida, o local, o tipo de acesso à internet e o tipo de dispositivo digital. Todos eles, considerando as alterações das suas formas de atuação ao longo das inovações tecnológicas, demanda gestos e comportamentos novos, diferentemente da cultura da leitura de livros impressos. Segundo Mônica Araújo (2016, p. 321), como já visto previamente, na escola, na família, com os pais ou professores, com os jovens, o compartilhamento de informações sobre leitura literária digital é quase inexistente. Ou seja, as instâncias e os mediadores de leitura literária, considerados comumente como os fomentadores para a formação de leitores, não influenciam nas práticas de leitura literária digital dos leitores jovens. A troca de influências acontece, basicamente, entre os próprios jovens leitores, mas isso não significa que todos que compõe o vínculo social do jovem são mediadores para a leitura digital. O próprio leitor é responsável por montar suas relações literárias digitais, gerando em si mesmo os interesses e sua rede de sociabilidade.

Nesse aspecto, há dois caminhos interessantes sobre o futuro da literatura: primeiramente, o fato das principais forças mediadoras da leitura entre os jovens estarem, constantemente, perdendo influências possibilitam que os leitores decidam o que é mais agradável para os mesmos lerem. Dessa forma, há uma tendência ainda maior dos vínculos entre leitor e literatura serem intensificados, criando um leitor cada vez mais consumidor e mais atualizado no mundo literário. O segundo caminho pode mostrar uma falha nos resultados dessa leitura digital, já que uma qualidade de produção literária está ligada diretamente a variedade de modelos e formas de obras literárias que se consome. Nesse sentido, o jovem leitor tende a permanecer imerso em conteúdos repetitivos, em que seu repertório será farto do

mesmo tipo de literatura, que discutem, basicamente, sobre os mesmos assuntos e apresentando as mesmas perspectivas de literatura.

O impacto da mutação para o digital, seja em produção, difusão ou influência, indica que estamos vivendo um processo de transformação técnica, cultural e do modo de ler. Isso ocorre simultaneamente e de forma diferente de outros momentos históricos, já que “a literatura, enquanto ‘metáfora epistemológica’, jamais permanece indiferente aos grandes acontecimentos do seu tempo”. (KIRCHOF; BEM. 2006, p. 17). Mesmo que a internet não desempenhe papel tão importante em países com um mercado editorial mais sólido, como é o caso dos Estados Unidos e Inglaterra, é importante destacar que o fenômeno no Brasil tem ganhado cada vez mais notoriedade e está longe de ter chegado no seu ponto máximo. Ao mesmo tempo, é necessário certa seriedade para analisá-lo, visto que já passou da hora de superar o espanto inicial de seu surgimento e dar um passo adiante: compreender, da melhor forma possível, como ele atua e o que se pode esperar no futuro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto ao longo do trabalho, as novas tecnologias modificaram consideravelmente as formas de exercício da literatura na Internet. A técnica age nessa modificação tanto como instrumento, como portadora de sentido dos textos criados e compartilhados. A facilidade expressa na maioria das ferramentas oferecidas nesse ambiente possibilita que os usuários se portem mais ativamente na modelagem dos conteúdos que desejam receber e criar na web. Assim, tornando a navegação mais intuitiva, esse meio potencializa sua capacidade de se tornar progressivamente mais infinito, mutável e passível de criar conteúdos de formatos variados. Porém, ao mesmo tempo que se caracteriza como “terra fértil” para quem deseja expor seus pensamentos e ser cada vez mais conhecido, encontra-se, também, uma imensa dificuldade de ser notado, visto que a quantidade de informações apresentadas é imensurável e diferente para cada indivíduo.

Aos protagonistas desse grande palco, cabe a reinvenção de suas posturas e inserção constante no universo digital. A conectividade tornou menor os espaços entre o sujeito e o conhecimento e entre os próprios sujeitos, fazendo com que as relações se tornassem mais diretas e as influências mais presentes, criando vínculos com uma maior carga de complexidade. O escritor não se limita unicamente à criação da literatura, assim como não se priva mais ao contato direto com o leitor. Nesse novo ambiente, é exigido um perfil multitarefa, em que o webescritor se comporte, também, como editor, distribuidor e assessor de si próprio. Dessa maneira, não se limita a conhecer os criadores literários somente por vias das obras literárias, visto que isso não basta mais dentro da web. É requerida a exposição da rotina pessoal do escritor, a interação, usando da própria imagem como ferramenta, no intuito de comunicação e divulgação dos textos, conseqüentemente o aumento de público, mais orgânico, humano e familiarizado.

Do leitor, as exigências não se diferenciam tanto. Com maior poder de legitimação do que é produzido na rede mundial de computadores e com a capacidade predominante de influenciar diretamente o que lhe é oferecido, a esse personagem da vida literária virtual fica reservada a habilidade de agir e alterar, ou não, o que lê. Nessas novas diretrizes digitais, sua formação passar por pormenores cruciais para entender sua função: seus mediadores, o que se lê, por onde se lê,

quais referências se tem antes da leitura, os desejos pertencentes a cada linha lida, quais motivações para ler, algo e assim por diante. Nesse sentido, o leitor deixou seu lugar comum de cliente final, que consumia somente o que as grandes editoras selecionavam em seu crivo, para agente ativo e, talvez, consumidor primário das produções literárias, visto que o número do público do autor impulsiona muito mais a publicação de um livro impresso, ainda bastante almejado pela maioria, do que o conteúdo das obras ou os temas. Isso expressa o poder de modificação crescente que esse usuário especificamente carrega na nova era da literatura digital. Isso acontece diferentemente com os críticos e editores, já que não carregam tanta força atualmente como antes no mercado literário tradicional. Mesmo que não tenham sido deixados de lado, o caminho que percorrem para participarem da legitimação das obras é muito mais longo e com menos espaços de atuação, principalmente por pertencerem e serem identificados como participantes das estruturas tradicionais e menos acessível do meio literário tradicional.

Tudo isso engendrando-se com a presença predominante do hipertexto como gênero textual na rede mundial. A este, mesmo que não seja uma invenção gerada pelas novas estruturas digitais, tem seu reconhecimento com sendo um dos principais fomentadores da conectividade e interação das mídias contemporâneas e seus usuários. A não-linearidade permite uma mescla de caminhos possíveis para o entendimento e criação, permitindo uma conexão, se observado somente seus pressupostos, sem barreiras e capaz de tocar, potencialmente, qualquer pessoa presente no ambiente *online*, com o mesmo grau de relevância, evitando os crivos antes citados. O hipertexto pode ser considerado como um dos principais promotores da democratização de conteúdo, já que carrega, em si, a viabilidade do livre fluxo de ideias, corroborando com a forma de agir do pensamento humano.

A análise feita ao longo das várias ideias apresentadas sobre a produção literária na internet permitiu enxergar quão profundo e ilimitado é o campo. Dado que ainda exista, como visto inicialmente, um pouco menos de 20 anos de estudos não muito recorrentes e pouco aprofundados sobre as novas condutas das artes literárias quando relacionadas ao universo *online*. Dessa forma, há perspectivas e uma inesgotabilidade das questões e perspectivas que podem e devem ser discutidas. As trilhas e suas peculiaridades apresentadas se apresentam como porta de entrada de um planeta que anseia para ser descoberto, explorado e entendido.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

AJZENBERG, Bernardo. **Digital: a libertação do digital**. Revista Observatório Itaú Cultural, São Paulo, Itaú Cultural, No. 17, ago/dez, 2014. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2014/07/OBS17_BOOK-PDF-final.pdf>. Acesso em: 30 de março 2017

ARAÚJO, Mônica Daisy Vieira. **Práticas de leitura literária digital entre leitores jovens**. 2016. 340 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. 1. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-APCPUR>>. Acesso em: 28 set. 2018.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella (Org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009. 293 p. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/imagens/blogs%20boneco%20copy.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPPARELLI, Sérgio; GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; KMOHAN, Gilberto. **Poesia visual, hipertexto e ciberpoesia**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 68-82, dez. 2000. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3082/2358>>. Acesso em: 14 set. 2018.

CARRENHO, Carlo. **Livro Digital: uma questão de acesso**. Revista Observatório Itaú Cultural, São Paulo, Itaú Cultural, No. 17, ago/dez, 2014. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2014/07/OBS17_BOOK-PDF-final.pdf>. Acesso em: 30 de março 2017

COSCARELLI, Carla Viana. **Os dons do hipertexto**. Revista Littera: Linguística e literatura, Pedro Leopoldo: Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo, v. 4, n. 4, p. 7-19, jul./dez. 2006. Disponível em:

<<http://www.letras.ufmg.br/carlacoscarelli/publicacoes/DonsDoHipertexto.pdf>>.

Acesso em: 20 out. 2018.

FERREIRA, Ana Paula. **Espaço e poesia na comunicação em meio digital**. 2010. 361 p. Tese (Doutorado) - Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:

<<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/5294>>. Acesso em: 06 nov. 2018.

FREITAS, Guilherme Corrêa de. **Vida literária virtual: internet e relações literárias no Brasil**. 2005. 63 p. Monografia (Graduação em Comunicação Social)- Escola de Comunicação, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. 1.

KIRCHOF, Edgar Roberto; ASSUMPÇÃO, Simone. **Literatura eletrônica e ensino: a poesia de Carlos Vogt**. Revista Texto Digital, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 96-113, 2010. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2010v6n1p96/13169>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

KIRCHOF, Edgar Roberto; BEM, Isabella Vieira de. **O impacto da tecnologia sobre a literatura contemporânea**. Revista Texto Digital, Florianópolis, v. 2, n. 2, 2006.

Disponível em: <

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1372/1072>>.

Acesso em: 14 dez. 2018.

MALINI, Fábio. **Literatura, Twitter e Facebook: a economia dos Likes e do RTS dos usuários-fãs de literatura brasileira nas redes sociais**. Revista Observatório Itaú Cultural, São Paulo, Itaú Cultural, No. 17, ago/dez, 2014. p. 204-234.

Disponível em:

<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2014/07/OBS17_BOOK-PDF-final.pdf>. Acesso em: 29/04/2017

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula.** *Linguagem & Ensino*. Vol.4. n 1. Rio de Janeiro, 2001. p. 79- 111.

PARENTE, André. **O Hipertextual.** Revista FAMECOS , Porto Alegre, v. 6, n. 10, p. 74-85, jun. 1999. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3031/2309>>. Acesso em: 20 out. 2018.

PASSOS, Ariadne Rodrigues. **O realismo na poesia contemporânea de Gonzaga Neto.** 2016. 15 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras Português) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

QUEIROZ DE CARVALHO, Letícia; CARVALHO DE HOLANDA CORREIO, Rogério. **O hiperconto, a escola e a formação do leitor literário.** *Textura*, Canoas, v. 20, n. 43, p. 172-193, ago. 2018. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/3505/2938>>. Acesso em: 06 nov. 2018.

RECUERO, Raquel. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook.** *Revista Verso e Reverso*, Rio Grande do Sul, maio/agosto, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais Na Internet.** 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.

SCHLOBINSKI, Peter. **Linguagem e comunicação na era digital.** *Revista Pandaemonium*, São Paulo, v. 15, n. 19, p. 137-153, jul. 2012. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2010v6n1p96/13169>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

SUBRINHO, Abinalio Ubiratan da Cruz; LIMA, Elizabeth Gonzaga de. Twitteratura: a nanoliteratura nas redes sociais. In: **Anais Eletrônicos do II Colóquio Desleitura em Série**. Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Jacobina, 17 a 19 de maio de 2017. p. 10-22. ISSN: 2525-7145. Disponível em: <http://desleitura.uneb.br/anais/anais2017/CULTURA_VISUAL_IMAGEM_E_IMERSAO_UMA_ANALISE_DA_LITERATURA_NA_REDE_SOCIAL_INSTAGRAM_2017.php>. Acesso em: 17 out. 2018.

XAVIER, **Leitura, texto e hipertexto**. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-220.